

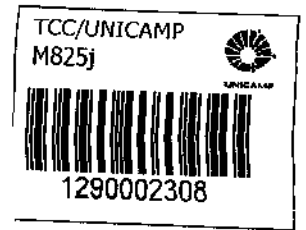
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

OS JOGOS E REELABORAÇÃO DE CONTEÚDOS PARA CRIANÇAS COM FAIXAS  
ETÁRIAS DIFERENTES NA MESMA TURMA

ERLO GNUTZMANN MUNIZ

Monografia apresentada ao curso de  
Educação Motora na Escola da Fa-  
culdade de Educação Física-UNICAMP  
para obtenção do Grau de Especia-  
lista em Educação Motora na Esco-  
la.

CAMPINAS - 1.993



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

OS JOGOS E REELABORAÇÃO DE CONTEÚDOS PARA CRIANÇAS COM FAIXAS  
ETÁRIAS DIFERENTES NA MESMA TURMA

ERLO GNUTZMANN MUNIZ

Orientador: IDICO LUIZ PELLEGRINOTTI

Monografia apresentada ao curso de  
Educação Motora na Escola da Fa-  
culdade de Educação Física-UNICAMP  
para obtenção do Grau de Especia-  
lista em Educação Motora na Esco-  
la.

CAMPINAS - 1.993

A verdadeira Educação ocorre no íntimo do indivíduo, sendo um processo verdadeiramente transformador.

"Pedra que rola não cria limo", afirma o brocardo popular. Da mesma forma, a instabilidade íntima, que te leva a constantes mudanças, não te permitirá fixação em coisa alguma, nem tampouco realização profunda. Concede-te o tempo de semear, germinar, crescer, enflorecer e dar frutos.

Não tenhas pressa injustificável. O trabalho de burilamento é íntimo. A aquisição do conhecimento é tranquila.

A plenitude do amor é lenta.

Divaldo P. Franco

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Secretaria Municipal de Educação de Piracicaba por permitir que eu fizesse o Curso.

Ao Secretario Municipal de Educação na pessoa do Dr.HUMBERTO DE CAMPOS pelo apoio e compreensão.

Aos professores da Educação Complementar do C.E.I, (Centro de Educação Infantil) de Santa Therezinha: Maria Leonor e Edna.

A Diretora do C.E.I. de Santa Therezinha: Valdete

A Monitora do C.E.I. de Santa Therezinha: Ana Barros.

Agradeço à minha família - Pais e Irmão pela confiança e apoio.

Agradeço à minha esposa Lillian pelo carinho e compreensão.

Agradeço ao Professor Idico Luiz Pellegrinotti, pela atenção e orientação neste trabalho e por me ajudar a repensar minha postura como professor.

A todos

Muito Obrigado!

DEDICATÓRIA

A todas as crianças da Educação Complementar do período  
da manhã do C.E.I. de Santa Therezinha

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	01-02
1.1. Educação Física Escolar.....	03-04
2. PROPOSTA DE TRABALHO.....	05
3. METODOLOGIA.....	06
3.1. Sujeito.....	06
3.2. Materiais e Instalações.....	06
3.3. Aulas.....	06
3.4. Instrumento de Pesquisa.....	07
4. UNIVERSO PEDAGÓGICO DA PROPOSTA.....	08-19
4.1. A Interação Aluno-Professor - Atividade.....	20-22
5. CONCLUSÃO.....	23
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24

## 1. INTRODUÇÃO

Ao deparar-se com uma turma de alunos com idade entre 7 e 12 anos, percebi a dificuldade que tínhamos para adequar os conteúdos da Educação Física para que todos pudessem participar pois, caso contrário, se eles fossem vistos como um conjunto de ossos, músculos e articulações, ou seja, corpos iguais por possuírem os mesmos componentes, portanto a mesma atividade serviria para todos. Sendo assim, as diferenças físicas existente entre eles deixariam de existir e passariam a se comportar corporalmente iguais. O professor precisa saber que os corpos diferem entre si na mesma faixa-etária, quanto mais em faixas-etárias diferentes. Daolio (1993). Portanto os conteúdos precisam ser modificados para atender as necessidades e interesses dos alunos.

Essa Educação Física escolar que homogeniza os alunos é criticada por Moreira (1992) e se apresentam assim: "acritica, sem identidade, transmitindo e controlando o ritmo das atividades mecânicas, desenvolvendo conteúdos ao sabor do modismo, buscando a perfeição do gesto e descompromissada com o indivíduo e com a sociedade". Mas também há excessões que segundo Betti(1991) propõe uma Educação Física escolar que forme um homem mais crítico, criativo, participativo e consciente, para tanto, o professor deverá estar consciente do processo ensino-aprendizagem dos alunos.

Esse é o tipo de Educação Física que trabalhamos no C.E.I. (Centro de Educação Infantil), o de transformação da criança, que ela deixe de ser um executor de ordens e passe a ser um sujeito participativo, criticando, criando e respeitando, onde eles possam perceber seu corpo numa relação entre eles e o meio sócio-cultural que ele vive.

Para tanto devemos dar oportunidade onde elas possam vivenciar diversas situações pois, sabemos que elas possuem um ritmo próprio de desenvolvimento e aprendizagem, sendo assim, elas precisarão aprender a respeitar a individualidade de cada um.

Nessa Educação Física a criança deve ser considerada como um todo, pois é um ser indivisível que segundo Freire (1989)

"corpo e mente devem ser entendidos como componentes que integram um único organismo. Ambos devem ter assento na escola, não um (a mente) para aprender e outro (o corpo) para transportar, mas ambos para se emancipar. Por causa dessa concepção de que a escola só deve mobilizar a mente, o corpo fica reduzido a um estorvo que, quanto mais quieto estiver menos atrapalhará".

Por isso devemos proporcionar situações onde ocorra o confronto com outras realidades, para a criança pensar e quando for agir, fazê-lo com consciência.

Para tanto tentaremos alcançar nossos objetivos através dos jogos que segundo Betti (1991) a cooperação, a honestidade e o respeito são mais facilmente alcançados, e onde o entendimento entre os participantes quanto as construções das regras e a resoluções de conflitos que possam aparecer é imprescindível para que o jogo aconteça.



## 1.1. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Quando falamos em Educação Física na escola, devemos saber quais são seus objetivos e se os mesmos estão sendo alcançados. Segundo Bracht (1991) os objetivos da Educação Física na escola não podem ser deduzidos somente dos conhecimentos sobre o desenvolvimento da criança. Para tanto é preciso esclarecer qual o papel desejável da escola em nossa sociedade, fazer uma leitura da sociedade em que vivemos e por fim projetar a sociedade que almejamos.

Sendo assim, analisaremos duas propostas de atuação da Educação Física escolar. Uma que prioriza os movimentos mecânicos e repetitivos anulando dessa maneira sua criatividade, pois, se ele repete os movimentos do professor, o que fará com os seus? Repetição de exercícios visando um aperfeiçoamento técnico, desenvolver as qualidades físicas básicas, o fascínio pelo modismo sem questionar ou analisar o que movimenta essa moda. Como estaríamos desenvolvendo o senso crítico agindo dessa maneira. Isso sem falar como a aula era dada, ou melhor, dividida. Aquecimento com corrida em volta da quadra no sentido anti-horário, parte "principal", como se as outras partes não fossem e volta a calma, preparando os alunos para próxima aula ou pior, quebrando uma atividade que poderia estar até sendo agradável para os alunos.

Vemos muitas escolas que utilizam as aulas de Educação Física para treinamento dos alunos que disputarão os jogos colegiais. No início do ano é feita uma seleção dos alunos e eles são divididos de acordo com suas aptidões para determinado esporte e aqueles que não são aptos são deixados de fora e acabam sendo discriminados pelo professor, pelos colegas e o pior, eles mesmos começam a se discriminar. Quantos de nós já não fizemos isto ou algo parecido? Será que a Educação Física escolar não é um direito de todos que dela participam? Será que com essa postura não estamos reproduzindo um modelo de sociedade que ai esta? Ou os baixos salários fazendo com que os professores dêem aula em três períodos dificultando assim uma reciclagem e como consequência le-

vando a uma baixa qualidade e ensino. Será que tudo isso não representa a vontade de quem esta no poder? Essas são algumas perguntas que tal proposta não têm e nunca terá vontade de responder.

Mas, por outro lado temos uma outra proposta para a Educação Física escolar que é a conscientizadora, que segundo Moreira (1989), o educador e o educando precisam estar consciente do processo e ambos exercendo sua criticidade durante o mesmo. Essa Educação Física escolar deverá eliminar os movimentos mecânicos e repetitivos, substituindo-os por movimentos livres e criativos. Ela deverá também ser um direito de todos que delas participam, sem haver discriminação aos mesmos aptos, mais gordos ou menores, e nem priorizar os mais aptos, mais fortes e maiores. Nossa preocupação não é em formar atletas, pois assim, estaríamos deixando de lado os menos aptos, mas, dar oportunidade para que todos vivenciem diferentes situações no jogo ou no esporte. Sendo assim, a Educação Física escolar deverá desenvolver o aluno como um todo pois, ele é um ser indivisível.

Esta Educação Física escolar deverá proporcionar situações de aprendizagem concreta e oportunizar o confronto com outras realidades, para o aluno agir com consciência procurando respostas aos "por quês" que surgirem.

Se a Educação é ao mesmo tempo determinada e determinante da estrutura social. Daí não seja possível negar o caráter político da Educação", Bracht (1991). Não pretendemos aqui doutrinar o aluno e sim fazê-lo compreender a realidade social em que vive, questionado-as, e a partir daí propor mudanças.

Acreditamos que um professor de Educação Física que estiver sintonizado com a realidade sócio-cultural em que vive, terá mais condições de realizar um trabalho, principalmente se ele estiver consciente do alcance cultural de sua prática. Daolio(1993).

Para tanto, acreditamos que uma Educação Física escolar conscientizadora possa levar a transformação da realidade,mas para isso, o educador precisa estar seguro do processo de ensino e aprendizagem dos educandos.

## 2. PROPOSTA DE TRABALHO

O trabalho teve como proposta o desenvolvimento de jogos que possibilitassem a participação de crianças com diferentes faixas etárias na mesma atividade, pois o Projeto da Secretária Municipal de Educação de Piracicaba, com relação à Educação Complementar\*, congregava crianças que possuíam diferentes repertório motor e cultural.

\* Educação Complementar é o nome dado ao projeto da Secretaria Municipal de Educação de Piracicaba, onde meio período as crianças estão na Escola e no outro meio período estão no CEI (Centro de Educação Infantil).

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1.SUJEITO

Participaram das atividades todos os alunos com idade entre 8 - 12 anos, dando um total de 18(dezoito), que estavam regularmente matriculados no período da manhã no CEI, situado no bairro de Santa Therezinha, que é administrado pela Secretaria Municipal de Educação de Piracicaba.

OBS.: As crianças discutiram e decidiram quem seriam os denominados menores: meninas de 8 e 9 anos e meninos de 8 anos.

#### 3.2.MATERIAIS E INSTALAÇÕES

O CEI possui um salão para ginástica e jogos; parque; mesa de ping-pong; bolas de basquete; raquetes e bolas de frescobol; bolas de volei; bolas de futebol de campo e salão; bolas de handebol; bolas de borracha (dois tamanhos); jogos de damas, xadrez, banco imobiliário, xadram, baralho, war, dominó, jogos de botão, cordas de vários tamanhos, pneus, colchões, bambolês, etc. Ao lado do CEI está o Centro Comunitário, que podemos usar, e possui duas quadras poli-esportivas e um campo de futebol.

#### 3.3.AULAS

O CEI possui, no período da manhã, um professor de Educação Física e um de Educação Geral. As crianças tiveram aula com os dois professores três vezes por semana (3ª, 4ª, 5ª), e a duração das aulas com cada um deles foi de 45 minutos. O conteúdo foi passado para as crianças antes de cada aula e, no decorrer da mesma as modificações eram discutidas de acordo com as necessidades e interesse da turma ou do professor. Na sexta-feira o dia era "livre" para as crianças da Educação Complementar, ou seja, elas poderiam escolher as atividades que desejassem, por exemplo: assistir televisão, brincar no salão, na quadra, no campo ou no parque, fazer pin-

tura, desenhos, etc. Sempre com a orientação do professor quando for preciso.

### 3.4. INSTRUMENTO DE PESQUISA

Através das aulas desenvolvemos o respeito, o espírito de cooperação, a criticidade e a criatividade entre as crianças, frente as dificuldades que apareceram nas atividades. Para tanto, antes de cada aula foi apresentado o que seria dado, e as sugestões eram sempre discutidas, antes de começar o jogo ou durante o mesmo, quer sejam elas dos alunos ou do professor, isso não quer dizer que os mesmos eram colocados em prática no momento mas, quando necessário o eram. Hindebrandt Laging (1986). E quando foram colocadas em prática elas asseguraram a participação de todas as crianças no jogo, sem discriminação.

Portanto, não ignoramos o conhecimento que eles trouxeram do seu meio social-cultural, muito pelo contrário, ajudamo-os a aumentar esses conhecimentos através de uma prática coerente com seu desenvolvimento cognitivo e motor e contextualizando esta prática a realidade social-cultural que ele se encontrava. Daolio (1993).

#### 4. UNIVERSO PEDAGÓGICO DA PROPOSTA

QUADRO I - O jogo "queimada" construído após as opiniões dos alunos

ESTRATÉGIA:

- Dividir a turma em duas equipes iguais
- Cada equipe ficará em uma metade da quadra volei com uma bola de meia

DESENVOLVIMENTO:

- As crianças poderão fugir da bola desde que não ultrapassem as linhas que delimitam o seu campo.
- Quando forem "queimados" as crianças ficarão em volta da quadra trocando passes com os integrantes de sua equipe ou tentando "queimar" ou impedindo que seus colegas sejam "queimados"
- A bola ficará com a criança que foi "queimada".
- As crianças não poderão tirar a bola das mãos das outras e nem empurrá-las para pegar a bola, se o fizerem a equipe perde a posse daquela bola. Só poderão cercá-los impedindo que troquem passes entre si ou que "queime" seus colegas de equipe.
- Não tem "parte fria" nas crianças, ou seja, se a bola bater nela e cair no chão, estará "queimada", a não ser que a bola toque no chão primeiro antes de acertá-la.
- Ganhará o jogo a equipe que primeiro "queimar" os integrantes da outra.

Discussões e Modificações do jogo "queimada" feito junto com as crianças explicitado no Quadro I

Algumas modificações foram feitas juntamente com as crianças no jogo "queimada", por exemplo, na tradicional as crianças quando eram "queimadas" ficavam no fundo da quadra e quando aumentava o número, alguns acabavam ficando desanimado. Conversamos e decidimos que poderiam circular em volta da quadra ajudando a "queimar" ou impedindo que seus colegas de equipe fossem "queimados".

- Criaram uma alternativa onde todos tinham que participar ativamente, mesmo os que já tinham sido "queimados", caso contrário, ficaria muito fácil para a outra equipe.

Algumas crianças reclamaram que a bola demorava voltar ao jogo quando saía pois, elas se amontoavam tentando pega-la. Discutimos a situação e resolvemos colocar duas bolas no jogo.

- Mesmo que uma bola fosse para longe o jogo continuaria, além disso, as crianças tiveram que ficar mais atenta ao jogo, pois poderiam ser "queimadas" de qualquer lado ou de dois lados ao mesmo tempo.

Os menores começaram a reclamar que os maiores arrancavam a bola das suas mãos ou os empurrava para que não pegassem a bola. Paramos e discutimos a situação. Ficou decidido que não poderiam arrancar a bola das mãos das outras crianças e nem empurrá-las pois, quem fizesse, a equipe perderia a posse daquela bola.

- A crítica dos menores com relação as atitudes dos maiores mostra a não aceitação às regras impostas por eles, o que levou a todos repensarem em uma solução onde a força física não fosse o principal fator de desequilíbrio.

Outra mudança foi com relação a "parte fria" pois, tinha criança que dizia que era a mão, outras a perna e outro que não tinha; ou seja, estava difícil entrar num acordo.

OBS.: Parte fria: é a parte do corpo onde a bola bate e a criança não fica "queimada".

Paramos o jogo e discutimos a situação. Decidimos que



não haveria "parte fria", ou seja, se a bola batesse em qualquer parte do corpo e caísse no chão a criança estaria "queimada", a não ser que a bola tocasse no chão antes de acertá-la.

- Vimos a compreensão das crianças para se chegar a um acordo permitindo que o jogo continuasse.

Quadro II - O jogo "bandeirinha" construído após as opiniões dos  
alunos

Estratégia:

- Dividir a turma em duas equipes iguais.
- Cada equipe ficará em uma metade da quadra
- As "bandeirinhas" ficarão uma em cada garrafão da quadra de basquete.

Desenvolvimento:

- As crianças não poderão ultrapassar as linhas que delimitam a quadra de basquete, caso isso aconteça, elas estarão "queimadas", ou seja, ficarão parados no lugar que saíram, e só poderão se deslocar quando outro integrante da sua equipe vier salvá-la tocando-a, só assim estarão "livre"
- Elas ficarão "queimadas" também quando invadir o campo adversário para "roubar" a "bandeira" e forem pegas por algum integrante da outra equipe. Para ficarem "livres" alguém da sua equipe tem que salvá-la.
- As duas equipes tentarão trazer a "bandeira" para seu campo sem serem pegos. Se a criança que estiver com a "bandeira" for "queimada", ela ficará parada no lugar e a "bandeira" voltará para o seu lugar.
- As crianças poderão trocar passes entre si para tentar trazer a "bandeira" para seu campo mas, só marcará ponto se a mesma cruzar a linha do meio da quadra de posse de uma criança.
- As crianças não poderão ficar guardando a "bandeira" ou alguma criança "queimada", terão que ficar junto a linha do meio da quadra.
- Existe alguns bambolês em cada campo. As crianças que quiserem poderão ficar dentro dele e não serem pegos, mas neste caso poderão ser vigiados de perto.

Discussões e Modificações do Jogo "bandeirinha" feito junto com  
as crianças explicitado no Quadro II

No jogo da "bandeirinha" discutimos algumas modificações para que todas as crianças pudessem participar. Uma das modificações foi com relação ao espaço que elas teriam para poder fugir quando perseguidas ao entrar no campo adversário para tentar pegar a "bandeira", pois era quase impossível alcançar os que corriam bem. Decidimos que o espaço que eles poderiam correr era a quadra de basquete. E quem ultrapassasse a linha que delimita a quadra estaria preso e ficaria parado no local que saiu esperando alguém do seu time vir salva-la.

- A alternativa criada veio dar mais oportunidade aos mais lentos de tentarem pegar quem entrasse no seu campo.

Outra modificação foi com relação a realização de passes entre as crianças quando estas tentavam trazer a "bandeira" do time adversário para seu campo, pois as mesmas não faziam. Ficou decidido que poderiam fazer os passes mas a "bandeira" teria que cruzar a linha que divide a quadra de posse de uma criança.

- Com essa mudança eles começaram a fazer jogadas para tentar pegar a bandeira e com isso o trabalho de equipe melhorou.

Algumas crianças começaram a reclamar que alguns ficavam vigiando de perto a "bandeirinha" e com isso dificultava a sua "roubada". Discutimos a situação e decidimos que todos tinham que ficar junto a linha que divide os campos.

- O objetivo do jogo é "roubar" a "bandeirinha", e para que isso ocorra não poderia ficar ninguém vigiando-a do lado. Todos compreenderam e aceitaram a mudança pois sem o qual ficaria difícil continuar o jogo.

Percebi que os menores quase não entravam no campo adversário para tentar "roubar" a "bandeira". Eles falaram que eram pegos com facilidade. Paramos o jogo e discutimos uma alternativa. Resolvemos colocar alguns bambolês em cada campo. As crianças quando entravam no campo adversário elas poderiam ficar dentro deles e não serem pegas mas, com uma mudança, elas poderiam

ser vigiadas de perto.

- Com essa mudança os menores e os mais lentos tiveram mais chance de tentar pegar a "bandeira".

Quadro III - O jogo "em cima do pneu" construído após as opiniões dos alunos

Estratégia:

- Dividir a turma em duas equipes iguais na quadra de basquete
- Uma criança de cada equipe ficará em cima do pneu, e este ficará no meio do garrafão.

Desenvolvimento:

- As crianças não poderão entrar no garrafão de posse da bola e nem para pega-la, se fizerem, a bola passará para a outra equipe.
- Só poderão dar no máximo três passos com a bola na mão, se quiserem andar mais tem que driblar.
- A cobrança dos laterais e o reinício do jogo é "livre", ou seja, sem marcação.
- Não poderão arrancar a bola da mão dos colegas, só cerca-los ou interceptar os passes.
- Todos deverão ficar em cima do pneu como "goleiro".
- Só será ponto se a criança que estiver no pneu segurar a bola, e não cair do mesmo.
- Toda bola que ficar parada dentro do garrafão pertencerá a equipe que defende o mesmo.

Discussões e Modificações do jogo "em cima do pneu" feito junto com as crianças explicitado no Quadro III

Algumas modificações foram feitas no jogo "em cima do pneu" junto com as crianças. Uma delas foi com relação as crianças cruzarem o garrafão ou para se livrar da marcação ou pegar a bola, pois, os que defendiam o garrafão não podiam. Então decidimos que ninguém poderia entrar com a bola, e quem o fizesse a equipe perderia a posse de bola.

- A modificação fez com que a regra fosse a mesma para quem ataca como para quem defende.

Outra modificação feita partiu dos menores, pois estes reclamaram que os maiores arrancavam a bola das suas mãos. Decidimos que não poderiam arrancar a bola das mãos das crianças, somente poderiam cercar impedindo que fizessem passes.

- A mudança foi aceita pelos maiores que, perceberam que os menores para participarem, algumas regras tinham que ser mudadas para os mesmos não se sentirem discriminados.

Com relação aos laterais, os maiores não deixavam os menores cobra-los, pois eles não tinham força para fazer grandes lançamentos e nos passes curtos o outro time marcava de perto dificultando a recepção. Paramos o jogo e decidimos que as laterais seriam "livre", assim os menores poderiam também cobra-lo.

Outra discussão surgiu com relação aos "goleiros", pois alguns não queriam ir e outros que queriam, mas não os deixavam, pois estes tinham dificuldade em segurar a bola e manter-se equilibrado em cima do pneu quando os passes eram longo. Discutimos a situação e decidimos que todos passariam pela posição de "goleiro".

- As crianças precisam vivenciar diferentes situações no jogo para que possam conhecer seus limites e capacidades.

Outra discussão se deu porque uns diziam que a bola que ficasse dentro do garrafão pertenceria ao goleiro e outros não. Discutimos a situação e eles decidiram que seria da equipe que defende o mesmo.

- Eles chegaram a essa conclusão, pois perceberam que se a bola pertencesse ao goleiro este passaria ao seu companheiro de equipe, e este devolvendo-a marcaria ponto, e assim ficaria muito fácil para quem estivesse atacando.

Quadro IV - O jogo "mãe da rua" após as opiniões dos alunos

Estrategia

- Toda turma do lado de fora da quadra de volei em uma das laterais.
- Uma criança de pegador dentro da quadra.

Desenvolvimento

- As crianças terão que cruzar a quadra sem serem pegas.
- As crianças não poderão ultrapassar as linhas do fundo da quadra, se o fizerem estarão pegas.
- As que forem sendo pegas irão ajudar a pegar as que faltam, para tanto, farão um círculo onde quiserem dentro da quadra e só poderão ajudar a pegar de dentro do mesmo.
- As crianças que entrarem na quadra para tentar atravessá-la, não poderão retornar para o lado que estavam, se o fizerem estarão pegas.
- O pegador terá uma porta aos fundos da quadra para sair e pegar quem não quiser atravessá-la. O pegador só poderá voltar para a quadra pelas portas.



Discussões e Modificações do jogo "mãe da rua" feito junto com as crianças explicitado no Quadro IV

No jogo "mãe da rua" foram feitas algumas modificações junto com as crianças. No jogo quando as crianças eram pegas, elas ajudavam a pegar as que faltavam e assim ia ficando mais difícil atravessar a quadra, e com isso algumas delas não queriam atravessar. Paramos o jogo, discutimos a situação e resolvemos que aquelas que forem pegas farão um círculo e só poderão ajudar a pegar de dentro dele.

Outra mudança que fizemos foi porque os que já tinham sido pegos reclamavam que os outros entravam na quadra, percebiam que não dava para passar, retornavam para a lateral da quadra. Paramos e discutimos a situação e decidimos que quem entrasse teria que atravessá-la para o outro lado e quem retornasse estaria pego.

- As crianças tinham que criar uma maneira de atravessar a quadra sem serem pegas. Os que estavam na mesma situação criavam alternativas dividindo o grupo para atravessar, assim não chamavam a atenção para um grupo só. E os que já tinham sido pegos também discutiam maneiras para pegar o restante.

Cada vez ia ficando mais difícil atravessar e alguns deles não tentavam mais. Começaram as reclamações. Paramos, discutimos e resolvemos que o pegador teria uma passagem pelos fundos da quadra onde só ele poderia entrar e sair por ela, assim ele poderia pegar quem não quisesse atravessá-la.

- As crianças precisam saber de suas possibilidades e para tanto precisamos criar meios para que elas as descubram.

#### 4.1. A INTERAÇÃO ALUNO-PROFESSOR-ATIVIDADE

Quando iniciamos as aulas de Educação Física com esta turma tínhamos algumas dificuldades de adequar os conteúdos pois, apesar de terem faixas etárias diferentes vinham de culturas diferentes. Por exemplo, no começo algumas crianças não aceitavam que as regras fossem modificadas para todos poderem participar, enquanto isso, outro grupo achava que todos estavam ali tinham que participar. No jogo da queimada, alguns dos maiores queriam que quando os menores pegassem a bola, eles tinham que passa-la para eles pois, diziam que os menores não conseguiriam queimar os outros por não terem força. Enquanto isso, outros diziam que todos tinham o direito de tentar queimar, independente se conseguissem ou não, algumas vezes precisamos intervir nas discussões pois, os menores não conseguiam falar o que achavam da situação. E quando falavam que queriam tentar queimar, alguns dos que não aceitavam saíam do jogo. E quando estes queriam retornar, a situação era colocada para o grupo, discutida e o grupo decidia se ele ou eles retornariam ou não. O grupo sempre deixava, desde que não saísse novamente e se o fizessem, ele ou eles não poderiam mais retornar.

Alguns deles não aceitavam perder e quando isso acontecia discutiam com seus companheiros de equipe, falavam que não queriam jogar mais com eles. Por outro lado, alguns deles quando perdiam saíam dando risada e comentando coisas engraçadas que aconteceram no jogo, pois eles tinham outros objetivos além de vencer, como participar e se divertir, enquanto os outros, enquanto estavam ganhando ficavam contentes, quando começavam a perder começavam as brigas e discussões pois o objetivo era somente vencer. Continuamos insistindo nas discussões sobre os conteúdos que estavam sendo dados, procurando ouvir sempre todos que desejavam falar.

Com o passar do tempo fomos percebendo que nos jogos as crianças começaram a participar mais, tanto nas discussões como na atividade em si. As desistências dos jogos foram diminuindo pois, o respeito a individualidade em prol do coletivo estava acontecendo. Suas opiniões eram sempre ouvidas discutidas e quando preciso colocadas em prática, não só deles como também as do profes-

sor. Hildebrandt e Laging (1986).

Dessa maneira eles começaram a fazer parte do processo, desenvolvendo seu senso crítico e sua criatividade.

Houve situações no jogo que eles precisaram se organizar para a outra equipe não ganhar com facilidade. As tarefas eram discutidas entre eles e divididas de acordo com as características individuais. Por exemplo, no jogo "bandeirinha" os que corriam mais rápidos é que tentariam pega-la, não que uma outra criança que não corresse tanto não pudesse tentar, mas elas começaram a ter consciência de suas possibilidades e quando uma tentava e não conseguia os seus companheiros tentavam salva-la, ou seja, havia um trabalho de equipe.

Um outro exemplo seria no jogo de "cambio", onde os menores ou quem não tivesse força para sacar do lugar certo, poderia fazer-lo do lugar que conseguisse ou jogar a bola para outro lado se achasse mais fácil. Eles passaram a fazer mudanças nas regras para que todos pudessem participar e a vivenciar as diferentes situações no jogo.

Começamos a ver os mais habéis ajudando os menos habéis ou dando oportunidade para estes participarem mais. Por exemplo, na turma tínhamos duas crianças que jogavam futebol por um clube da cidade, mas quando iam jogar no C.E.I com as outras crianças, eles ficavam no gol e assim não havia um desnível técnico com os que jogavam na linha e quando eles iam para a linha, não podiam fazer gol. Essas regras eram sugeridas por eles e discutidas com o grupo.

Na ginástica por exemplo, quando alguém não conseguia realizar determinado movimento, os que conseguiam tentavam ajudar e quando alguém vaiava outro por um erro, logo esse ouvia uma resposta do tipo: "Se você é tão bom, porque não ensina".

Sabemos que os meios utilizados como os esportes informais e os jogos, a cooperação, a honestidade, a criatividade e o respeito a individualidade foram mais facilmente alcançados, como também o entendimento entre os participantes quanto a construção de regras e a resolução de conflitos que apareceram, foi

necessário para que o jogo acontecesse. Betti (1991)

Sabemos que uma transformação como estamos propondo não aconteceu da para o dia, muito pelo o contrário, e um processo longo e que requer uma constante avaliação. Mas acreditamos que uma Educação Física contextualizada a prática sócio-cultural do aluno, poderá levar a uma transformação da realidade.

## 5. CONCLUSÃO

No início do ano de 1993, quando nos deparamos com esta turma, tínhamos consciência das dificuldades que teríamos na nova jornada e tais dificuldades acabaram se tornando um desafio, pois, não poderíamos ficar só reclamando dos problemas mas, buscar uma solução na nossa prática.

Para tanto decidimos que seria através dos jogos e espotes informais pois, segundo Betti (1991) nossos objetivos seriam mais facilmente alcançados através deles.

E ao final do ano de 1993 quando fizemos uma avaliação final, percebemos que as crianças se tornaram mais cooperativas pois, não saíam do jogo quando estavam perdendo ou quando havia discussões, passaram a respeitar mais a individualidade de cada um nos jogos pois, eles pararam de exigir de seus colegas aquilo que eles não conseguiam ou não queriam fazer. Os maiores pararam de dominar os menores, pois estes começaram a não aceitar mais a imposição deles.

As crianças passaram a ser mais críticas não só com relação aos seus companheiros como também em relação as aulas pois, quando não gostavam de alguma atividade ou quando tinham que criticar alguém eles o faziam. Por outro lado passaram também a ser mais criativos, pois, quando não gostavam de algo, tinham que propor mudanças que poderiam ser de um jogo para outro como também, das regras de um jogo mas, sempre tendo em vista a participação de todos. Os problemas que aconteciam no jogo eles passaram a resolve-los pois, eles passaram a perceber que era importante o diálogo para a resolução dos problemas que surgiram ou que poderiam surgir.

Acreditamos que nossa tarefa e desafio conseguimos supera-los, para tanto, estamos convencidos que nossos compromissos estarão sempre voltados a criança e na busca da continuação de uma sociedade democrática através das expressões corporais, pois é esse o nosso material e conteúdos educacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. AUTORES, Coletivo de. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo, Cortez, 1992.
02. BETTI, Mauro. Educação Física e Sociedade. São Paulo, Editora Movimento, 1991.
03. BRACHT, Valter. Educação Física: a busca da legitimação pedagógica. 1991. Mimeo.
04. \_\_\_\_\_, A Educação Física Escolar como Campo de Vivência Social., Revista Brasileira de Ciência do Esporte, V.9, nº3, pp. 23-39, 1992.
05. DAOLIO, Jocimar. Educação Física Escolar: Uma Abordagem Cultural In: piccolo, V.L.N. org. Educação Física Escolar: Ser ... ou não ter? Campinas, UNICAMP, 1993.
06. FREIRE, João B., Educação de Corpo Inteiro. São Paulo, Scipione, 1989.
07. HILDEBRANDT, Reiner & LAGING, Ralf. Concepções Abertas no Ensino da Educação Física. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1986.
08. MOREIRA, Wagner W. (Org). Educação Física & Esportes: Perspectivas para o século XXI. Campinas, S.P., Papyrus, 1992.
09. \_\_\_\_\_, Educação Física Escolar: da Ação à Reação, 1989. Mimeo.
10. PIRACICABA (município). Secretaria Municipal de Educação. Proposta Pedagógica dos professores de Educação Física na Educação Complementar. 1992.